

AMO ... ATELIÊ MÓVEL OFICIAL

Raíssa Moraes – UERJ

RESUMO

O presente texto, é um deságüe cartográfico de um trabalho em processo, relacionado, à recente descoberta pessoal, de um ateliê móvel de criação. Traz à tona, questões relativas ao espaço pessoal, “particular” e privado, - levado às contingências da esfera pública -, em distintas situações. Relacionando-se paisagisticamente, à esfera do comum, foi composto por uma série de colagens de textos e escritos, produzidos desde o princípio do processo de trabalho, até o momento em que encontra-se agora.

Palavras-chaves: espaço; espaço pessoal; paisagens subjetivas.

ABSTRACT

This article is a cartography of a work in process related to the recent and personal find out, of a mobile studio of criation. Brings up insuess relating to personal space, private and particular, - brought to the public sphere contingencies -, in diferents situations. In a landscape relation to the communal sphere, it was composed by a collage of texts and writtens, produced from the begining of the work process, to the present moment.

Key-words: space; personal space, subjective landscape.

Sei que répteis como cobras, ou insetos como borboletas e cigarras, trocam de pele em momentos específicos de sua existência, sempre que precisam mudar de ciclos. Por exemplo, a lagarta sai do casulo para virar uma borboleta ou a cobra e a cigarra abandonam sua pele para crescer. Nós humanos, de maneira diferenciada, trocamos nossas células cutâneas pouco a pouco todos os dias, descamamos imperceptivelmente e produzimos novas camadas para mesmos lugares de nossa geografia corporal. Em determinado período - em média dez anos - já não somos os mesmos. Cem por cento de nossa estrutura biológica já se renovou. Novamente produzidos, seríamos quase virgens de inscrições, se não fosse pelo fato de algumas marcas não funcionarem como cortes superficiais que em pouco tempo regeneram-se. Algumas delas inscrevem-se na superfície celular impelindo com que qualquer tipo de produção futura, esteja impregnada dessas mesmas marcas.

No ultimo ano, além de minha cutânea esfoliação natural e diária, troquei de pele quatro vezes. Em diferentes acontecimentos públicos, despi-me para além de meu próprio nu. Não utilizei-me de objetos cortantes ou pontiagudos, apenas de minhas próprias mãos. Não houve sangue, mas um pouco de dor, assim como não houve grito, mas um tanto de aflição. O fato é que algo fazia-me sentir nova. Além de trocar de pele, troquei de referências espaço-corporais, pois descobri que sou de uma linhagem experimental, que se confunde com o espaço. De meus pés despendem-se fios que como ventanas acoplam-se ao chão. Com elas me arrasto e carrego o que me entorna, criando novas configurações. Os tentáculos que desprendem-se de meu corpo, mobilizam meu entorno, propondo movimentos e quedas. Sou para além do espaço visível de mim mesma, franjas prolongadas das extremidades tocam a todo o momento o ar deformando e criando vácuos. Tudo isso é invisível, mas pode tornar-se visível já que materialidades distintas se afetam com meu movimento. Sou projeção. Sou fora e superfície. Mover é como respirar frouxamente.

Sou com o espaço. Meu entorno é denso e vigoroso, apesar de invisível. Projeto-me sutilmente e com leveza, mobilizo etéreas camadas de ar. Ao passo que me movimento, sou meu próprio espaço de criação. Seja lá onde for, ele acontece comigo. Meu ateliê é móvel e meu espaço de movimento, sempre ampliado, é reconstituído diferentemente nas conjunturas e configurações. Com esse espaço sigo instaurando campos paisagísticos próprios por onde transito. Sou como uma tartaruga carregando seu casco, biologicamente indisponível para existir na ausência do mesmo. Mas ao contrário da tartaruga, não encolho-me no contato com o fora, não recuo, não me interiorizo. Sou projeção, a ponto de fundir-me à espacialidade. Mapeando meu solo fértil, torneado por linhas amarelas, percebo que as rasuras que dele se fazem, aproximam-se das rasuras de minha pele. À qual, algumas vezes, agreguei materialidade e mapeei por descolamento. Troca intensiva de superfície, centímetro por centímetro, de todo o corpo.

.....

Todo este desvelamento de minhas relações com o espaço, começou há pouco menos de um ano, com um problema “espaço-operacional”¹. Solucionado o mesmo, por uma sobreposição concreta e conceitual, foi seguido inesperadamente

por uma série ininterrupta de descobertas, às quais eu sempre celebrei dizendo: Eureka! - a exemplo experimental de Arquimedes². O percurso, que precipita-se à cima e que descrevo a seguir, começou com a invenção de um ateliê de criação em um espaço que parecia-me a princípio um tanto quanto inadequado. Espaço que inserindo-me nas discussões sobre o lugar, poderia ser denominado como o texto de Miwon Kwon: o “lugar errado”³.

Ateliê Oficial – AO

Ateliê Móvel Oficial – AMO

Na primeira vez em que utilizei-me de um quadrado no chão, demarcado com uma fita *sylvertape* amarela, o que havia era nada mais que um problema operacional. Ainda que não viesse de outro país, era estrangeira, recém-chegada na cidade do Rio de Janeiro, e iniciava aos poucos, minhas relações com a conhecida cidade maravilhosa. Para além dos refúgios naturais e paisagísticos da cidade, minhas relações cotidianas foram engendrando-se a partir dos muitos incômodos - com uma série de problemáticas de realidade social desigual e escancarada; com durezas do cotidiano, relativas às relações entre sujeitos e distâncias geográficas - que, imagino eu, vivencie toda grande metrópole de um país, como o Brasil. Toda minha vida na cidade parecia se configurar de modo novo, em relação às anteriores e pessoais vivências citadinas em minha terra natal em Minas Gerais.

Nas contingências da cidade, em minha casa carioca - representada por um pequeno quarto de 3m x 4m - procurava, embora nem sempre encontrasse, abrigo acolhedor e porto seguro de idéias, que dividia, com cadernos de anotação, papéis avulsos ou arquivos de texto no computador, sem muita possibilidade de experimentá-las no corpo ou em materialidades plásticas, já que havia um problema concreto de espaço físico. Migrando por salas ou estúdios emprestados ia desenvolvendo meus processos de criação amparada pelas coisas que podia carregar na mochila. A questão do quadrado amarelo deu-se justamente nesse percurso transitório, logo que pude perceber, em vista das necessidades e desejos, que poderia ter algo mais que uma casa-quarto. Resolvi dividir meu pequeno

dormitório, meu único espaço “próprio”, entre ateliê e quarto, com uma fita de cor amarela no chão.

Dáí então, passei a ter oficialmente um *Ateliê Oficial* com dois metros quadrados, demarcado por superfícies sobrepostas e não pude não me referendar ao quadrado de trabalho de Bruce Nauman⁴ ou ao quase “teatro filmado” em *Dogville*⁵. Minha cama precisou viajar de empréstimo para outro lugar e durante o dia, levantava o colchão bem próximo à parede. Logo então, pouco depois, numa manhã de domingo, sentada no metrô pus-me a anotar alguns problemas de composição que por hora acompanhavam-me e repentinamente “vi” um quadrado amarelo, da mesma fita de meu *Ateliê Oficial*, desenhar-se ao meu redor. Eureka! Descobri que *Ateliê Oficial* não se limita geograficamente aos limites de minha casa, é, portanto, móvel. Roubando a idéia de kinesfera⁶, de Rudolph Laban, poderia pensar que meu ateliê é minha kinesfera, logo instaurar processos de composição por todos os espaços, os momentos e as velocidades. Como se grandes linhas pendessem e torneassem meu corpo distendido na máxima amplitude de movimento, criando uma trama retangular de pontos e intervalos. Um gradil concreto ainda que invisível, que a revés de encarcerar, conjectura espaços e pode engendrar processos.

.....

Experimentos de troca de pele foram as primeiras pesquisa desenvolvidas entre as demarcações de fita amarela, localizadas em minha casa, que configuravam *Ateliê Oficial*. A pele, camada mais externa, local de marca, riscos concretos de experiências, mapa afetivo de uma espacialidade. Um novo interesse de pesquisa entre superfícies corporais e superfícies dos espaços. O que posso saber sobre distintas contingências cartografando suas superfícies pelo agregar de materialidades plásticas, gerando novas camadas sobrepostas? Mapeamentos do espaço de meu corpo e do espaço do solo. Sobreposições para o roubo de inscrições, rasuras, vincos, marcas. Mapeamento do exterior, ampliação sensível, alargamento de toda a superfície. Impressões descamadas, gerando pequenos mapas afetivos das superfícies. Para além dos mapas, uma ação concreta de descolamento prolongado, seguida por inscrições e abandono, denominada *Experimento Pele*⁷.

“A instaurar um tempo lento, concreto, numa pausa móvel, caminho lentamente como a tatear com os pés a textura do chão. Procuro uma marca que vai-me instaurar a cena. Encontro a marca, adentro a cena. Daqui em diante trocarei de pele, hei de descolar toda minha mais fina e externa camada de cobertura. Hei de lançar mão de meus riscos-superfícies bordados a cada (des)venturosa experiência. Meu rijo e flexível glacê vai descolar-se e será abandonado. Como numa coreografia de tempo plácido, é preciso que eu (des)cubra minhas partes corporais, envoltas em outras camadas teciduais, e, revelando processualidades, vá descolando pouco a pouco a mais externa superfície. Uma fina camada, que há quase um passo de tornar-se minha, revela-se como um novo fora a ser abandonado.

Estou despida, entregue, aberta, quase frágil. Não há nada que me proteja a não ser a possibilidade de não ter de ver, pois estou vendada. E mergulhada num grande dentro que percorrido torna-se fora, encontro-me num silêncio plácido, que não é meu. Sinto uma grande densidade de corpos no espaço, que não posso reconhecer, mas sobre os quais tenho muitas informações, pois há uma imersão de vários deles nos poros de minha pele. Logo ao lado, há um olho cúmplice que registra bem de perto e projeta amplificando finas e discretas rasuras da mesma pele em descolamento. Tateio o chão agora com as mãos, estou em meu *Ateliê Móvel Oficial*, torneada pela fita amarela, como em minha casa, que eu mesma trouxe para o espaço. Procuro com o cuidado de acariciar parte a parte, do que de mim desprende-se. São os últimos momentos e ao passo que as encontro deixo ainda algumas marcas, rasurando com vermelho sua leitosa transparência. Estendidas uma a uma em um arame, logo ao lado, saio de cena deixando as sobras concretas da produção compartilhada deste *Experimento Pele*.”⁸

.....

“Estava vestida de jeans, blusa preta, casaco vermelho e sandália de couro. Adentrei a cena. Ocupei o centro do quadrado amarelo e me despi, peça por peça, tirando toda a roupa. Tateando com a ponta dos dedos, comecei a descolar minha própria pele, bem lentamente. Durante quase uma hora, descasquei do pescoço até os pés, pele e mais pele, camadas, cascas, desvelando toda a superfície de contato com o exterior.

Ao longo deste descolamento, um olho-câmera testemunhava bem de perto, os movimentos, como uma lente de aumento. Um ponto de vista aumentado, que o projetor lançava simultaneamente no totem branco. Depois de completamente nua, um nu para além do nu, ajoelhei-me e carimbei todas aquelas peles que saíram de mim, deixando um rastro vermelho, escriturado em sua leitosa transparência. Levantei, me vesti e deixei a pele para trás.”⁹

Dos problemas com o espaço

O público, o particular, as partilhas e novas configurações

Desde que descoberta a mobilidade de *Ateliê Oficial*, tornando-se o mesmo *Ateliê Móvel Oficial*, venho deparando-me constantemente com problemáticas espaciais. Impregnado das mesmas, *Experimento Pele*, leva de fato o espaço de

minha casa para a cena da performance. Meu espaço privado e particular, meu pequeno *Ateliê Oficial* a partir daquele instante tornava-se publicamente móvel. *AMO*¹⁰ ao ser atravessado por outros espaços, ao mesmo tempo em que instaurando seu campo paisagístico próprio e propício ao acontecimento da performance, construía-se como um novo lugar, impregnado da idéia de mobilidade. Torneando minhas proximidades, levava à cena, questões pessoais com o espaço e com as trocas subjetivas. O que ali estava em permuta, era de fato superfície. Superfície de meu movimento, misturada ao movimento do espaço. Superfície de minha pele, misturada ao silêncio cutâneo de quem habitava o lugar.

Junto ao lento descolar da pele processavam-se novas questões entre mim, o espaço, as pessoas. O espaço circundante de meu corpo é meu espaço? É espaço de meu movimento? Que espaço é este que trasborda-me criando pele e remendos pelo solo ao redor? Quando há aproximação de outras pessoas, que novo espaço surge ou o que é criado? Que novas paisagens configuro ou que outras paisagens configuram-se? Tornava-se cada vez mais claro, que as problemáticas que dali surgiam, rememoravam o princípio de todo o percurso: a questão operacional inicial, cotidiana e pública, da falta de espaço pessoal, que engatilhara *AMO*. Indo de encontro ao meu processo de trabalho anterior, denominado *Intervalos Móveis*¹¹, decorrente de deambulações e andanças pela cidade, *AMO* reinaugura em meu percurso artístico, questões de compartilhamento e novos modos de contato com o outro.

Das práticas compartilhadas

Das práticas paisagísticas

A pólis (...) não é a cidade-estado no seu lugar físico; é a organização das pessoas à medida que surgem o atuar e o falar juntos, e seu verdadeiro espaço está entre as pessoas vivendo juntas para esse propósito, não importando onde estejam (...) (ARENDT, In.: DEUTSCHE, 2009, pág. 175.)

Se segundo Arendt, o espaço público é o espaço intervalar, entre corpos, muitas configurações podem habitá-lo. É no campo das ações efêmeras do

cotidiano, que a produção de vida compartilhada configura a esfera pública. Se a noção de *pólis* está menos atrelada ao lugar físico da cidade-estado que à noção de entre - entre corpos, entre partilhas, entre vidas -, o que pressupõe-se é que a esfera pública é cunhada pelas relações. Suely Rolnik, corroborando com o pensamento de Arendt - e desfazendo mal-entendidos que vinculam a questão pública na arte às ruas e à cidade - diz: “arte pública é aquela que participa na produção de vida coletiva e isto pode acontecer de muitas maneiras e em qualquer tipo de espaço, inclusive dentro de um museu.”(ROLNIK, 2003, pág. 37). Deslocar a noção de esfera pública, das questões geográficas relativas ao lugar da cidade, é por em voga tramas invisíveis que permeiam corpos e criam relações. Nesse ínterim, muitas podem ser as relações do artista com a esfera pública. Estabelecer, ou ainda abrir um intervalo, é potencializar que práticas públicas se produzam, criando fluxos, rotas, passagens, direcionando ações e propondo possibilidades de produções compartilhadas.

Relacionando-se a um “tomar parte”, a noção de compartilhar, traz alguns sinônimos como partilhar, compartilhar alguma coisa ou ainda participar dela. “Partilhar com” ou compartilhar parece implicar uma possibilidade de troca num fluxo de várias vias. Por Práticas Compartilhadas, tenho referido-me, a um modo de construir proposições que destinam-se a alojar-se nos intervalos entre sujeitos, corpos e superfícies propondo novos espaços. Espaços estes, que longe de estarem aprisionados, às contingências físicas de um lugar, relacionam-se paisagisticamente, à esfera do comum. “Se a paisagem é um reflexo, ela é também o lugar de todas as projeções – um reflexo que se anima, que possui autonomia, um reflexo que se libera do espírito que está ali refletido.” (TIBERGHIE, 2010, pág 113.) Parece estar implícito neste modo de pensar a paisagem, algo da ordem da processualidade, da aglutinação de forças, do acontecimento não programático. Para além do reflexos, das projeções, autonomia multiplicadora de novas lógicas, gestação singular de novidade.

Em sua publicação, *As Três Ecologias*, Félix Guattari fala de uma articulação ético-política, a qual ele chama de *ecosofia* inscrita entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. Guattari sugere um trabalho da ecologia social de reconstrução das

relações humanas. Um princípio atuante na produção singular de subjetividades desejantes, para além das conceituações identitárias ou interpretativas. O que ele chama de eco-lógica, como sinônimo de uma lógica das intensidades, “leva em conta apenas o movimento, a intensidade dos processos evolutivos. O processo que aqui oponho ao sistema ou à estrutura, visa a existência em vias de, ao mesmo tempo, se constituir, se definir e se desterritorializar.”(GATTARI, 1993, pág 27 – 28.)

No mesmo fluxo: (des)território, mobilidade, *AMO*.

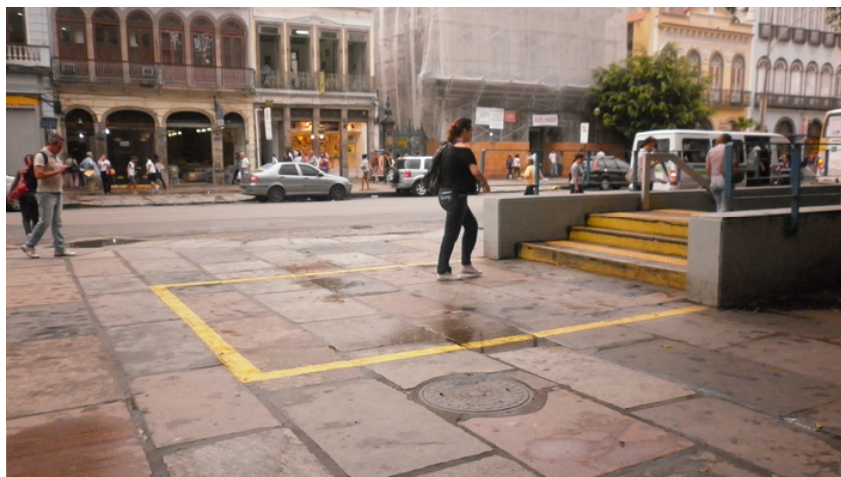
Dos mapeamento de proximidades

Dos novos problemas com o espaço, a paisagem e os compartilhamentos

Sempre atenta àquele espaço germinativo, que povoava meu quarto, percebia que suas questões, aproximavam-se cada vez mais das minhas estratégias singulares de existência. Desejante por lançá-lo lançando-me cada vez mais às tramas afetivas da cidade, sai para pequenas derivas¹² diurnas, a fim de atentar-me aos espaços de aproximação entre o solo da cidade e *AMO*. Num mapeamento de proximidades, descobri quadrados amarelos no chão da cidade, demarcando uma quantidade diferenciada de espaços. Vagas para taxi, saída do metrô e de garagens, dentre outros. Que locais na cidade seriam estes? Poderiam ser *AMO*? O que é que se cria neste espaço, ou ainda, quem pode nele criar, ou ser convidado com ele/nele a colaborar? Como potencializar ações que de alguma maneira se relacionem com possíveis mapeamentos das superfícies dos locais? A partir destas marcas, deste novo dado aproximativo de ordem quase operacional, derivei novamente, em um novo mapeamento de proximidades, procurando então aliados, intercessores¹³ que pensassem a si mesmos em relação à espacialidade. Encontro aproximação com Yves Klein - “para poder pintar um espaço é preciso que eu me integre dentro deste espaço” (KLEIN, 2005, pág. 27.) -, Min Tanaka - “I don’t dance in the place, I dance the place.” (TANAKA, In.: GOLDBERG, 2004, pág.161.) - e um relato pessoal, datado de quatro anos atrás, momento em que iniciava meu anterior processo de trabalho, denominado *Intervalos Móveis*:

Certa vez em Salvador, no Pelourinho, vi um homem saindo da janela de uma casa “abandonada”, mas “habitada”. O corpo dele se confundia com o dela. Habitavam um o contexto estético do outro. Se me lembro bem a porta estava “lacrada”. A única entrada parecia ser mesmo a janela, que ele cuidadosamente amarrava com uma cordinha. Feito isso, saiu morro abaixo deixando um rastro que não se desprendia daquela casa. Há muita consciência nessa forma de encontro. Disciplina. Um habitante entre casa e cidade. “Qual é o corpo sem órgãos” de uma casa? “Há vários, segundo a natureza das linhas” do que a habita ou do que por ela deixa-se habitar? Contaminação entre corpo físico e corpo da cidade.¹⁴

Minhas questões com essa problemática datam portanto, não de um ano atrás, como há pouco presumi, mas de quatro anos atrás de uma observação seguida por um relato pessoal, do ano de 2008, criando fluxo entre sujeito/local/espço/cidade. Uma forte relação entre pessoas e lugares. Proximidades e desencadeamentos do corpo para o espaço, do espaço para o corpo, criando deformações e distendendo fios pelas proximidades a fim de solicitar situações quase inusitadas. Um sentido de proximidades do que, recentemente, denominei de Práticas Paisagísticas e Práticas Compartilhadas. Eu sou paisagem e compartilhamento? Por minha vez posso ser o lugar, acompanhando meu processo de germinação de pele no espaço a meu redor. Eureka? AMO é um desdobramento pessoal e espacial de minha superfície corporal? Eu sou espaço coletivo ainda que apenas eu mesma, até então, tenha habitado AMO? É fato que venho da dança, de dias cheios de criações colaborativas junto a parceiros de trabalho numa Cia. de dança. Mas certa vez, desejei ser só e engendrar sozinha meus processos de composição. Parece haver algo remanescente, desse período em que permanecia horas em coletividades dançantes pesquisando processos. No intervalo dos questionamentos, saí novamente para a cidade a fim de disseminar meu campo paisagístico e reaproximar-me de alguma maneira da dança.



Mapeamento de Proximidades - (ruas do Rio de Janeiro – outubro 2011)

Recentemente, iniciei uma nova pesquisa; desejei levar esta idéia surgida nos entremeios de minha casa para disseminá-la na residência de outras pessoas. Algo fronteiro entre o público e o privado. Escolhi, para o princípio, duas artistas, duas bailarinas, especificamente. Programei um encontro com as mesmas: Lílian Gil e Tatiana Almeida, para apresentar a proposta de AMO. Convidei-as para tomar participação e dividir comigo algumas de minhas questões. Fui à casa de uma delas e instaurei um *AMO* em meio à sala. Pedi que se atentasse, tomando intimidade com aquele novo espaço que ali crescia. No dia seguinte, fui à casa da outra moça para instaurar um novo *AMO*. Ela tem quintal, galinhas e patos. Decidimos que junto aos bichos faríamos o primeiro *AMO*, usando uma fita de cetim amarela, fixada com pregos no chão de terra socada.

As galinhas, patos e o galo estiveram visivelmente incomodados com nossa presença e foi perceptível, que de alguma forma atentaram-se ao novo espaço que ali apresentava-se. Descobri a pouco que as galinhas - as aves, de um modo geral - possuem o olho mais complexo que o olho dos humanos¹⁵. Portanto, enxergam uma quantidade de gradações de cores muito maior que nós, sombras, além de outras coisas invisíveis aos nossos olhos. Por esse motivo, é dado que o amarelo da fita de cetim afetou-as, já que nada no terreno do galinheiro possuía gradação tonal semelhante. Aos poucos, depois de muito ressabiadas, elas foram habitando aquele novo espaço de acontecimentos. Algumas cortavam o mesmo em diagonal, outras pareceram se utilizar dele como um espaço qualquer, algumas não pisaram na fita,

uma bem gulosa comeu um dos pregos, que prendia parte da fita no chão. Eu e Tatiana apenas observamos - assentadas, cada uma, em um cantinho afastado – as relações com o espaço, as novas tramas que por ali se inseriam, e também a complexidade das galináceas. O vai e vem das cabeças e o encolher das patas, a singularidade do caminhar de cada uma nos percursos aleatórios do galinheiro, nas passagens por *AMO* e na aproximação de nós. Suas personalidades marcantes na luta frenética por uma fruta, dentre outras coisas.



AMO em meio a patos e galinhas - Juiz de Fora - janeiro 2012

Neste dia, entendi um pouco mais sobre meu problema corpóreo-espacial. Depois de observá-las por longo período, resolvi habitar o solo fértil de *AMO*. Cautelosamente, sentei-me no centro do mesmo e permaneci imóvel. Desse momento em seguida nenhuma delas se aproximou. Pouco depois me deitei, ainda no centro de *AMO*, deixando o corpo se espalhar pelo espaço do mesmo. Novamente nenhuma delas se aproximou. Em uma das filmagens consta uma quase aproximação de uma galinha, mas a mesma se assusta com algo que me é invisível aos olhos e corre. Esse conjunto de acontecimentos junto ao galinheiro, introduz-me um próximo passo da pesquisa. Eureka! Parece mesmo haver de fato algo sensível que entorna e que se desprende de meu corpo, ao qual as galinhas não ousavam chegar perto. Como tentáculos ou emanções corporais concretas, mas invisíveis. Já que as galináceas apresentam maior complexidade ocular que nós humanos, presumo que as mesmas concretamente tenham visualizado meus fios corporais quando eu reunia-me a meu espaço de afetos: *AMO*.

A partir desta nova descoberta, dando continuidade aos processos e experimentações, construímos concretamente uma estrutura que pendia do corpo e acionava movimento a partir da manipulação. Uma tecnologia rudimentar para movimentação, uma quase máquina de gerar movimento. Fomos à cena com a titulação: *Ateliê Móvel Oficial – Raíssa Ralola convida Tatiana Almeida e Lílian Gil*. Nossa tecnológica estrutura dividia em três partes uma mesma organização. 1º - Tentáculos que pendiam dos pés, 2º - tentáculos que pendiam do troco, 3º - tentáculos que pendiam da cabeça. Cada uma de nós três esteve disponível a uma região desses acessos. Meus tentáculos pendiam dos pés, Lílian, possuía a estrutura na altura do troco e Tatiana, na região da cabeça. Solicitamos doze pessoas desejosas para acionar corpos, quatro pessoas para cada uma de nós, uma para cada um de nossas protuberâncias.



AMO suspenso/cabeça - fevereiro 2012

Durante treze minutos, até o toque de um despertador, fomos manipuladas, através de nossos quatro tentáculos, por quatro diferentes pessoas, que precisaram se atentar a nós, a si mesmos, aos demais - que dividiam as manipulações -, e ao espaço. Ao redor dos mesmos quatro tentáculos, um fio amarelo demarcava um

quadrado, apresentando a abrangência de *AMO*. Deste momento em diante, *AMO* desprende-se do solo e passa concretamente a habitar o entorno suspenso do corpo. Um espaço de criação usado por cada uma de nós, acompanhado por quatro outras pessoas, responsáveis por gerar/criar movimentos. *Ateliê Móvel Oficial*, consiste em instaurar novos campos paisagísticos, disparando a idéia de invenção por variadas esferas. Encontro-me no princípio de uma pesquisa que parece-me um longo caminho, perpassado por muitas novas descobertas. Sigo pelos direcionamentos apontados à cima.



“Ateliê Móvel Oficial – Raíssa Ralola convida Tatiana Almeida e Lílian Gil”

(V Festival Mulheres no Volante - Juiz de Fora – março 2012)

Notas:

1. Problema este, que apresento no tópico seguinte do texto: “Sobre percurso, marcas, sobreposições, ateliê de criação, mapas, lugares e mobilidade”
2. Arquimedes foi importante cientista, inventor e matemático grego. Quando descobriu o princípio da hidrostática tomando banho em sua banheira, saiu gritando pela rua: “Eureka!, Eureka!”, que, em grego, significa “Achei!, Achei!”

3. KWON, In.: *Urbania* 2008, pág 147 a 158.

4. Refiro-me ao vídeo :“Walking in an Exaggerated Manner around a Perimeter of a Square”. NAUMAN, 10min 30sec, 1968-69.

5. TRIER, 171 min 2003.

6. Kinesfera ou esfera de movimento é o espaço que torneia o corpo, mantendo uma proporção de amplitude de movimento tridimensional, sempre relativa ao eixo corporal. Faz parte das pesquisas espaciais de Rudolph Laban, que foi um grande teórico do movimento do século XX. Dedicou-se radicalmente à pesquisas relativas à linguagem do movimento, no que concerne aos aspectos de análise, notação, criação, educação, dentre outros.

7. Processo de trabalho desenvolvido em parceria com a artista Luisa Tavares.

8. Relato produzido a partir da vivência da performance *Experimento Pele*. Exposição Coletiva Contrabando. Rio de Janeiro/RJ - junho de 2011.

9. Relato produzido a partir da vivência da performance *Experimento Pele* na abertura da Exposição Coletiva Múltiplos Olhares. Juiz de Fora/MG - 8 de novembro de 2011.

10. Daqui em diante vou referir-me ao Ateliê Móvel Oficial, pela sigla AMO.

11. *Intervalos Móveis* aproxima um processo de trabalho em arte desenvolvido no período de agosto de 2008 e dezembro de 2009, ocasionado pelo desejo de acessar outros sujeitos. Acessos estes, que por sua vez, disparassem modos de subjetivação mais autônomos, mais sutis, menos dominantes. Intervalos Móveis coexiste a partir de vivências da performance *Intervalo de 7* nas cidades de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, da instalação *Casa da Marcinha*, assim como das escrituras confeccionadas ao longo de todo o processo de trabalho. (MORAES, 2009, pág 2.)

12. “Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como um técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio.” Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar.” DEBORD, in.: JACQUES, 2003, pág 87.

13. “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas até animais (...)” DELEUZE, 2010, pág 160.

14. Relato pessoal datado do ano de 2008, relativo ao processo de trabalho em *Intervalos Móveis*.

15. Informação colhida no endereço eletrônico:
http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/o_que_so_aves_enxergam.html

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEUTSCHE, Rosalyn. **A arte de ser testemunha na esfera pública dos tempos de Guerra**. In.: *Concinnitas*. ano 10, volume 2, número 15. Rio de Janeiro, 2009.

GOLDBERG, Roselee. **Performance – live art since the 60's**. New York: Thames & Hudson, 2004.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Editora Papirus, 1993.

LABAN, Rudolph. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KWON, Miwon. **O Lugar Errado**. In: *Urbânia 3*. São Paulo: Editora Pressa, 2008.

MORAES, Raíssa. **Intervalos Móveis**. Monografia de Bacharelado. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

NAUMAN, Bruce. **Walking in an Exaggerated Maner arround the Perimeter of a Square**. 10min 30sec, 16mm film, 1967-68.

ROLNIK, Suely. **Alteridade a céu aberto - O laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg** In: *Posiblemente hablemos de lo mismo*, catálogo da exposição da obra de Mauricio Dias e Walter Riedweg. Barcelona: MacBa, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2003.

TIBERGHIEU, Gilles A. **Bill Viola: na natureza das coisas**. In.: *Concinnitas*. ano 11, volume 2, número 17. Rio de Janeiro, 2010.

TRIER, Las Von. **Dogville** (Dogville) 171 min, 2003.

WEITEMEIER, Hannah. **Yves Klein**. Editora Taschen, 2005.

http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/o_que_so_as_aves_enxergam.html - acessado

Raíssa Moraes é artista e desenvolve pesquisas relativas ao universo corpóreo-visual. Vinda de um processo de formação, interceptado pela dança e pelas artes visuais, trabalha interessada por processo desviantes relativos ao corpo e sua memória, no campo da performance arte. É mestranda em Arte pela UERJ, Especialista em Metodologia Angel Vianna, Especialista em Teatro e Dança na Educação, ambas pela Faculdade Angel Vianna/RJ.